

Contrarevolucao copernicana.

Em sua reacao oficial ao atentado contra a sinagoga rue Copernic, Paris, o primeiro ministro R. Barre declarou-se indignado pela morte de francezes inocentes que passaram casualmente pela porta da sinagoga. E, em artigo publicado na revista "Express", Raymond Aron advertiu contra reacoes exageradas por parte dos judeus, porque o antisemitismo atual seria fenomeno marginal, nao caracteristico da sociedade. Finalmente, a policia, sem muito entusiasmo, procura descobrir os autores do atentado, e nao sabe se deve procurar por eles do "lado direito", (entre os neo-nazistas), ou do "lado esquerdo", (entre os palestinos). Os tres fenomenos enumerados sao sintomas da contrarevolucao atual, a qual, gracias ao nome da rua, pode agora ser rotulada com nome correto: contrarevolucao copernicana.

O primeiro ministro declarou, implicitamente, que os judeus na sinagoga nao sao nem francezes nem inocentes, mas sua declaracao era "lapso" em sentido freudiano. Conscientemente Barre nao e antisemita. O outro Raymond, sr. Aron, concordou com o primeiro: conscientemente, a sociedade nao e mais antisemita, ja que reprimiu tal impulso vergonhoso. Finalmente, a policia concordou com ambos os Raymonds: os marginais, sejam de "direita" ou de "esquerda", devem ser reprimidos, porque, ao articularem o inconciente coletivo, ameacam torna-lo conciente. Pois tudo isto e sintoma de tipica situacao contrarevolucionaria: a repressao e o metodo para manter a ordem estabelecida, e querer distinguir entre "direita" e "esquerda" perdeu sentido.

O carater contrarevolucionario da atualidade esta mascarado por curiosa confusao entre o que e "novo" e o que e "jovem". Somos testemunhas tanto da irrupcao do "novo homem" quanto da irrupcao dos "jovens". E os jovens sao reacionarios com relacao aos novos, e vice versa. O Terceiro mundo e jovem: esta se projetando historia a dentro, para conquista-la, e destarte comacar a agir. O Primeiro mundo e novo: esta elaborando formas de vida, de producao, de consumo, de pensamento e de valoracao jamais vistas. Para o Primeiro mundo o Terceiro e arcaicamente velho: esta repetindo movimentos ha muito executados pelo Primeiro. Para o Terceiro mundo o Primeiro e de decrepita senilidade: as suas formas vitais estao se decompondo.

Visto a partir do "novo", tudo que se passa no Terceiro mundo e um "deja vu": o renascimento do Islam relembra o seculo 16 do Ocidente, a poluicao paulista relembra a londrina vitoriana, e o purismo sanguinario de Pol Pot relembra Savonarola. E visto a partir dos "jovens", tudo que se passa no Primeiro mundo e decadente: a generalizacao das drogas e da homosexualidade, a despolitizacao e massificacao da sociedade, a formalizacao da ciencia e da arte. Para o "novo homem" os jovens do Terceiro mundo sao "velhos" no sentido em que dizemos os "antigos Romanos" ou os "antigos Germanos". Para tais jovens o novo homem que esta surgindo no Primeiro mundo e cadaverico: robo com movimentos mecanicos cujo rigor e o da morte. Os palestinos sao jovens, os neo-nazistas sao novos.

O novo esta defasado com relacao ao jovem, e vice versa. Vivem nao apenas em epocas diferentes, mas em tempos diferentes. O jovem vive naquele tempo, no qual a pre-historia vai se transformando em historia: volve na fonte do tempo. O novo vive naquele tempo, no qual a historia vai se transformando em pos-historia:

esta na origem do tempo. O jovem quer fazer historia para realizar-se. O novo ja possui historia, nao precisa faze-la, e sabe que "realizacao" e efetivacao de virtualidades, portanto esgotamento de virtualidades. Para o jovem o futuro e a direcao rumo a qual ele tende. Para o novo o futuro e infiltracao de virtualidades a partir do horizonte rumo ao presente. O jovem quer ter futuro, porque nao tem passado. O novo quer ter presente, porque concebe passado e futuro como irrealidades. O jovem e inerte, porque se deixa arrastar pela dinamica do progresso. O novo esta aberto para ~~para~~ todas as tendencias, as quais se "apresentam". O jovem e vanguarda, o novo e abertura. O jovem e linear, o novo multidimensional. O jovem vive em mundo de processos, o novo em mundo de campos relacionais. O modelo do tempo jovem e o rio cheio de cachoeiras e obstaculos a serem "vencidos". O modelo do tempo novo e o campo magnetico do qual as limalhas de ferro foram retiradas. O jovem "vem-a-ser", o novo "existe".

A defasagem entre o novo e o jovem nao e pois "historica": diferentes estagios de "desenvolvimento". E "formal": diferentes formas de tempo. No entanto, os dois estao sincronizados. O atual renascimento do Islam nao pode ser comparado ao Renascimento italiano, porque o ayatola convive com Kissinger. Os jovens do Terceiro mundo nao podem lancar-se futuro a dentro como o fizeram os jovens descobridores e conquistadores renascentistas, porque sabem em que da descoberta e conquista: o Primeiro mundo esta la para demonstra-lo. O "novo homem" nao pode abdicar da historia: ela esta la, no Terceiro mundo, pronta a devora-lo. E os jovens nao podem tomar as redeas da historia: sao infectados pela consciencia pos-historica do novo. As duas formas do tempo, ao se engrenarem mutuamente, se desgastam mutuamente.

Por isto ambos, tanto o novo homem como o jovem, sao "reacionarios" no significado mais radical deste termo. O jovem e reacionario, porque reage a acao do novo. Nao quer admitir o novo, quer persistir na tendencia, ja superada, do progressismo. Nao quer saber do novo. Fecha-se ao novo. E o novo e reacionario, porque visa substituir a acao historica por funcionamento programado. Quer evitar que algo aconteca, porque sabe que todo progresso e progresso rumo a morte, a "entropia". A estrategia do jovem e reacionaria: se conseguir destruir o novo, podera vir ao "poder", embora saiba que "poder" e coisa superada. A estrategia do novo e reacionaria: se conseguir evitar, ou pelo menos adiar a catastrophe, poderia continuar a elaborar sempre formas novas. O jovem quer a guerra atomica: acabara com todas essas coisas novas como o e a miniaturizacao, a engenharia genetica, a teoria dos jogos. O novo quer adiar a guerra atomica: quanto mais se adia a historia, tanto maior a chance para coisas novas. Os dois, o jovem e o novo, sao contrareformistas. Mas o sao com tendencias opostas.

Por isto perdeu sentido querer distinguir-se entre "direita e esquerda", nem mesmo entre "nova direita e nova esquerda". Nao que os extremos se toquem: sao reversiveis. A China e a direita da Russia, e a Russia a direita da China, a Baath siria e a direita dos trabalhistas israeli, e estes a direita do Baath, o existencialismo e a direita do marxismo, e o marxismo a direita do existencialismo. A

sociedade americana e o extremo exemplo de reacção mais negra, se vista das democracias populares, e estas são puro fascismo repressivo, se vistas dos Estados Unidos. A distinção entre "direita e esquerda" perdeu sentido, porque não se trata, atualmente, de contradição entre conservadores e progressistas, mas de contradição entre progressistas, que são, ipso facto conservadores e conservadores que são, ipso facto, progressistas. Todos os golpes militares são feitos em nome do progresso, e, de fato, mantem o progresso, e todas as "libertações" resultam, de fato, em repressão estagnada. E que tanto o novo quanto o jovem são velhos, embora o sejam, cada qual, como significado diferente.

Pois o atentado da rue Copernic ilumina, qual relampago, tal cena confusa. Porque ilumina o fenómeno do antisemitismo em situação de contrarrevolução generalizada. Os partidos do dito "centro-esquerda" e "centro-direita", os socialistas e gaulistas, se solidarizam com os judeus atacados, porque, sendo conservadores, procuram encobrir o antisemitismo latente, e o fazem em nome do progressismo. O partido comunista, essa tendência revolucionária que é a mais reaccionária entre todos os movimentos franceses, hesita: não sabe de onde veio o atentado, e, como é prudente, não quer expor-se. O partido do Governo procura minimizar tudo, porque o que importa é manter o status quo, que é o da liberdade, igualdade e fraternidade. E os ditos "extremistas" da direita e da esquerda são os únicos que podem, sem freios, dedicar-se ao antisemitismo confesso.

Por certo: a cena destarte iluminada provoca náusea, que não é um mal de mar, mas um mal de toda a nossa cultura. Mas a náusea não é bom conselheiro para a compreensão da cena. O que urge é captar de que maneira o novo é o jovem, neste caso preciso o neo-nazismo e os palestinos, vão, em combate subjéctivo e colaboração objectiva, destruindo o velho. E aí verificaremos que a contradição entre o jovem e o novo não é simétrica: o novo vai engolindo o jovem. Os palestinos vão sendo recuperados pelos neo-nazistas. Porque o novo tem a vantagem sobre o jovem de ser mais aberto: engole tudo. Eis como se apresenta a cena sob a luz coperniciana:

Hordas de jovens, providas do horizonte, invadem a cena. Hindus em Londres, Paquistanezes em Hamburgo, Algerianos em Marseille, nordestinos em S. Paulo. Estes jovens, famintos de realização, procuram derrubar todas essas novidades decadentes que encontram em seu caminho. Essas novidades são, no fundo, aparelhos automatizados e ciberneticamente programados. Pois em vez de derrubarem tais aparelhos, os jovens bárbaros são por eles transformados em funcionários especializados, (por exemplo especializados em matança de judeus). De maneira que a irrupção dos jovens vai servindo de feed-back para o novo. E vai se estabelecendo a arelho totalitário alimentado por jovens que se tomam por revolucionários. Arafat vai se transformando em Eichmann. Em suma: o Terceiro mundo se desenvolve com rapidez estonteante: percorre a história toda, partindo da pre-história, e alcança a pos-história aparelhística no curso de uma geração ou duas. O abásmo, que o Primeiro mundo levou dois mil anos para alcançar, o Terceiro mundo o alcança em questão de dezenas de anos.

Nao se diga que estou extrapolando das dimensoes reduzidas da rua Copernic para dimensoes cosmicas, das quais Cópernico tratava. O atentado a sinagoga tem efetivamente dimensoes que ~~encobrem~~ a cena toda. Se quisermos compreender o que o futuro reserva para nos, nao importa aonde estejamos, devemos acompanhar com atencao concentrada todos os comentarios, todas as reacoes, todas as reflexoes que acompanham e acompanharao tal evento. E sintomatico do presente. E se digo que "todos" devemos acompanhar o fenomeno, nao penso apenas em judeus. Todos nos, participantes da atualidade, somos testemunhas, vitimas, e infelizmente tambem atores da grande contrarevolucao copernicana estabelecadora do totalitarismo por recuperacao dos jovens, e e isto que e novo.